



Por uma Ecologia da Somática?

Joanne Clavel

Museum National d'Histoire Naturelle – Paris, França

Isabelle Ginot

Université Paris 8 Vincennes Saint-Denis – Paris, França

RESUMO – Por uma Ecologia da Somática? – Este texto trata do parentesco conceitual e teórico entre Somática e Ecologia Científica. Após definir a noção científica de Ecologia, procuram-se definir três conceitos-chave da Ecologia: o de potencial, que permite descrever, de forma inovadora, o modelo de relação entre sujeito e meio ambiente no âmbito da Somática; e os de diversidade e reciprocidade, a partir dos quais o artigo se revela como um convite e um programa para se pensar a respeito da integração da Somática ao paradigma ecológico científico. Para tal, recorre-se aos atores somáticos para transformar suas práticas de acordo com uma ética ambiental.

Palavras-chave: **Somática. Ecologia. Potencial. Diversidade. Reciprocidade.**

ABSTRACT – For an Ecology of Somatics? – This text studies notions that are common to Somatics and Scientific Ecology. After defining the scientific notion of Ecology, this essay studies three key-notions in Ecology: the concept of potential, which allows an innovative description of the relationship subject/environment in Somatics, and the notions of diversity and reciprocity, with which this essays suggests that Somatics could be integrated into the Ecological paradigm, and calls the Somatics actors to transform their practices according to Environmental ethics.

Keywords: **Somatics. Ecology. Potential. Diversity. Reciprocity.**

RÉSUMÉ – Pour une Écologie des Somatiques? – Ce texte traite de la parenté conceptuelle et théorique entre Somatiques et Écologie scientifique. Après une définition de la notion scientifique d'écologie, il s'attache à définir trois notions clés de l'écologie: celle de potentiel, qui permet de décrire de façon innovante le modèle de relation entre sujet et environnement au sein des Somatiques, et celles de diversité et de réciprocité, à partir desquelles l'article se veut une invitation et un programme à penser l'intégration des Somatiques au paradigme écologique scientifique, et en appelle aux acteurs somatiques pour transformer leurs pratiques selon une éthique environnementale.

Mots-clés: **Somatiques. Écologie. Potentiel. Diversité. Réciprocité.**

Neste ensaio, procura-se delinear alguns pontos a fim de convidar pesquisadores e profissionais a investigar o campo, ainda pouco trabalhado, da Somática em relação com a Ecologia e, mais especificamente, com o paradigma científico da Ecologia. O campo é vasto; no entanto, é importante na medida em que ele permitiria desenvolver novas abordagens do pensamento ecológico, como também (sobretudo?) novas conceituações e novos usos da Somática. Primeiro, parece existir um tipo de parentesco informal no pensamento da Somática e no da Ecologia sem que esse parentesco nunca tenha sido efetivamente questionado. No entanto, parece também que o paradigma científico da Ecologia constitui hoje um recurso político que deveria estimular e preocupar as práticas somáticas para um outro compromisso político, e tal é o convite, ou o programa, que se gostaria de apresentá-lo aos pesquisadores e profissionais das duas áreas.

Em um primeiro tempo, voltar-se-á para os diferentes usos do termo *ecológico*, que se transmite rapidamente em diferentes disciplinas e, principalmente, nas Ciências Humanas que trabalham a questão da percepção. Como qualquer modismo, o termo exige questionamentos acerca do seu conteúdo e implicação de seu uso e, eventualmente, de seus usos impróprios. Em um segundo tempo, apresentar-se-á uma primeira noção, a de *potencial*, que funda nossa hipótese inicial de uma comunidade de pensamento entre Somática e Ecologia. Enfim, convocaremos os atores da Somática para refletir acerca do que vem a ser uma utopia ecosomática – ou um quadro teórico ecológico inspirado diretamente nas ciências da Ecologia e suas implicações filosóficas segundo as éticas ambientais contemporâneas – a partir de duas outras noções ecológicas cruciais: a de diversidade e a de reciprocidade.

Hipótese Inicial

As abordagens somáticas definem o indivíduo, por um lado, como global – um pouco mais que a soma das substâncias anatômica, consciente, inconsciente e energética – e, por outro lado, como indissociável do seu meio ambiente. Essa abordagem holística é um pilar fundamental na diversidade das técnicas somáticas que existem. Além disso, os termos meio ambiente, habitat e natureza – entre outros – são significativos nos discursos das práticas somáticas e em

muitas de suas referências teóricas (principalmente nos da fenomenologia e da psicologia).

Mais recentemente, o termo Ecologia foi aproximado da Somática e o termo *somática ecocentrada* foi sugerido por Sylvie Fortin. Enfim, as abordagens somáticas, ao emergirem em resposta às degradações ambientais, aproximam-se por esse âmbito da preocupação ambiental. Essa constelação de observações parece logo permitir a integração da Somática em um quadro de pensamento ecológico e exige um ponto de vista crítico sobre o uso dos conceitos propriamente ecológicos. De qual Ecologia tratam as abordagens somáticas? Nós propomos, portanto, lembrar alguns fundamentos desse paradigma, apresentando uma leitura a partir de uma prática somática: o método Feldenkrais. Esse método, que leva o nome de seu fundador, Moshe Feldenkrais, está entre as práticas somáticas mais conhecidas. Sua finalidade é aperfeiçoar as coordenações (ou automatismos adquiridos) e sua prática ocorre em grupo ou em sessões individuais. Cada sessão é dedicada a um movimento específico, frequentemente simples e cotidiano (sentar, rolar, levantar, pegar etc.), sutil, desconstruído em inúmeras variações que, progressivamente, levam a integrar um repertório gestual profundamente aguçado e, sobretudo, segundo os termos do fundador, um repertório mais amplo e aberto *de adaptações ao meio*. Assim como todas as práticas somáticas, o método Feldenkrais é baseado em um trabalho muito refinado de tomada de consciência, ou seja, no desdobramento de atividades perceptivas muito elaboradas, precisas e diversificadas, que levaram, em outro texto, a tratar “[...] de erudição perceptiva” (Ginot, 2013, p. 22) e que situam, de antemão, o coração da prática nas trocas entre o sujeito e seu meio. Em seus livros, Feldenkrais retoma constantemente a sua definição de movimento, não como ação corporal, mas como interação com o mundo. Seus escritos – que tendem mais a tentar construir uma teoria geral do que realmente descrever e definir sua prática – insistem, desse modo, nos diversos tipos de meios que compõem o meio ambiente humano. Carla Bottiglieri demonstra como uma dimensão importante da prática Feldenkrais consiste em intervir no *meio*, e não no *corpo*, para permitir o surgimento de novas coordenações, intervindo nos apoios e modificando, essencialmente, os suportes (Bottiglieri, 2015). Portanto, é tanto na teoria de Feldenkrais quanto no seu método que nós fundamos a primeira hipótese acerca da pertinência do paradigma ecológico.

A Ecologia do Gesto é Ecológica?

É principalmente por meio da *percepção*, tanto das suas definições como de seus usos práticos, que a Somática vai ao encontro do paradigma ecológico. A percepção, compreendida como a variedade das trocas entre o sujeito e seu meio ambiente, está efetivamente no centro de todas as abordagens somáticas e de suas diversas técnicas de desenvolvimento do gesto e da postura. Ela também é um objeto central da fenomenologia. Pouco presente, de forma explícita, nos discursos dos fundadores, ela constitui, no entanto, um substrato teórico importante na medida em que a Somática dá um lugar central ao sentir e à experiência *em primeira pessoa*, segundo a expressão de Thomas Hanna (1995). Merleau-Ponty² deu ênfase, sobretudo, na continuidade entre *eu e o mundo*, manifestando o que poderia se apresentar, à primeira vista, como um pensamento ecológico. Todavia, se a fenomenologia pensa a interação, é porque está centrada na experiência pessoal, mas não dá margem para a reciprocidade. Sobre tudo, a fenomenologia considera apenas a perspectiva dos humanos. Não é possível, portanto, no âmbito da fenomenologia, descrever e teorizar as condições da interação entre entidades ou seres vivos e seus meios abióticos.

A Ecologia Perceptiva, iniciada pelos trabalhos de James J. Gibson e sua noção de *affordance* é outro quadro de referência da Somática. A *affordance* seria o conjunto de todas as possibilidades de ações oferecidas por um meio e que, embora consideradas objetivas, devem sempre se relacionar com o ator que vai percebê-las em função dos *usos* gestuais que esse meio lhe concede. Desse modo, a folha de nenúfar pode ser percebida como um suporte potencial para uma rã, ao passo que, para um peixe, ela é percebida como fornecedora de sombra. Entretanto, a partir da introdução de *The Ecological Approach to Visual Perception* (1979), Gibson afasta da experiência perceptiva os seres vivos que pertencem a outro reino que não o do animal e propõe considerar as plantas como inertes: “De modo geral, as plantas não são animadas; elas não se mexem, não conhecem comportamentos, não têm sistema nervoso, nem sensações. A partir desse ponto de vista, elas são, portanto, como os objetos da física, da química e da geologia³” (Gibson, 1986, p. 7).

Além disso, Gibson não propõe pensar a interação de maneira recíproca: em seu modelo, aparece sistematicamente uma preponde-

rância de um dos atores, o *eu* ou o ponto de vista. Se experimentar o mundo e interagir com ele estão intimamente ligados, essa completa assimetria da interação apresenta uma relação utilitarista para um dos dois atores: a relação nunca é pensada como outra coisa que não seja a soma das duas partes. O único valor que lhe é atribuído é um valor de uso, um valor instrumental: o trabalho que é feito pelo ator da interação, aquele que se enuncia pelo *eu*.

Toda uma tradição moderna buscou introduzir uma filosofia do nós:

No fundo da imagem, há a imaginação e, no fundo da imaginação, há o outro, a visão do outro, ou seja, a visão sobre o outro e o outro como aquele que foi visto – que se abre, portanto, como outro da visão, não visão providente. O outro está diante de mim e *se mostra*, assim, como outro. A imagem é primeiramente outra e do outro, alterada e alterante. Ela apresenta o outro em função do qual ele pode ser mostrado⁴ (Nancy, 2003, p. 176).

No entanto, essa abertura para a alteridade é baseada em uma comunidade que exclui os não humanos. O ponto de vista da Ecologia impõe a seguinte pergunta: além dos interesses diretos pessoais ou sociais que se podem tirar das interações sociais, em que medida se pode abrir o *nós* da interação aos não humanos? Por um lado, a biologia do século XXI nos ensina que a subjetividade e a intersubjetividade são partilhadas por vários não humanos (cefalópodes, pássaros, mamíferos etc.). Por outro lado, além dos avanços recentes da biologia, trata-se de pensar as questões éticas e morais da inter-relação: o homem continuará considerando todas as outras formas de vida que povoam o mundo como meios à sua disposição ou, ao contrário, todas essas formas de vida podem ser consideradas como valor de não uso, tendo elas próprias um valor intrínseco? Um cão *Bas-rouge*⁵ teria um valor intrínseco para além da proteção da casa que ele guarda? O abutre-barbudo teria um valor intrínseco fora da observação ornitológica? O ecossistema da Montanha Santa Vitória, objeto de famosas pinturas de Cézanne, teria um valor intrínseco fora da sua importância no mundo da arte? Essa base dupla – sob o ponto de vista científico e o debate filosófico – é compartilhada pela Ecologia e pela Somática, que misturam, em seus textos, bem como em suas práticas, as referências aos conhecimentos científicos de sua época e uma abordagem ética de sua prática.

As pesquisas em fenomenologia, assim como em Ecologia Perceptiva, ao mesmo tempo que se focalizam na interação, deixam escapar o ponto central do paradigma ecológico, ou seja, a reciprocidade da relação que se poderia chamar de relação ecológica ou biocêntrica⁶. Entretanto, esses dois quadros da *affordance* e da fenomenologia podem nutrir a conceituação da experiência, do encontro e da abertura ao outro. Ao invés de excluí-los de nosso *corpus* de reflexão, nós gostaríamos de tentar alargar suas perspectivas para um ecocentrismo, incluindo a comunidade mais ampla dos não humanos. A abundância de referências aos conhecimentos científicos sobre a vida presente nos escritos da Somática⁷ convida para isso, e essa descentralização é fundamental para pensar o nosso meio e nossas interações junto a ele. Para isso, a proposta consiste em considerar as práticas somáticas como métodos que trabalham um conjunto de potenciais que a história evolutiva das espécies oferece e que, por sua vez, moldam o meio ambiente.

Uma Abordagem Científica da Ecologia

Os textos somáticos fazem, em grande escala, referência às ciências e reivindicam, principalmente, uma ligação com a evolução da vida. Por exemplo, todas as obras de Moshe Feldenkrais têm uma passagem dedicada à teoria da evolução. Ele leu *A Origem das Espécies* (Darwin, 1985) e nutria uma profunda admiração por Charles Darwin. Da mesma forma, esse legado do passado da evolução da vida, que reside em cada um de nós, está no centro da prática do *Body-Mind Centering*[®]. A biologia nos ensina que essa bagagem partilhada por todas as espécies, esse comum da vida, varia dependendo do grau de parentesco. Assim, dividimos pelo menos o alfabeto da vida com qualquer bactéria, uma respiração celular quase idêntica à das amebas e quase todo nosso legado com nosso primo, o chimpanzé (mesmo que essa distância mínima confira um resultado surpreendentemente diferente). Retraçar essas relações de parentesco entre as diferentes entidades vivas é o objeto da filogênese. Igualmente estudada em menor escala, geralmente funcional, por meio do estudo do desenvolvimento embrionário: a ontogênese. Observa-se, de fato, uma forte semelhança de desenvolvimento nas primeiras fases embrionárias da rã, da galinha e do humano, vestígio desse legado comum, mobilizado nas primeiras etapas da vida. Muitos textos teóricos da Somática fazem referência a esses processos onto

e filogenéticos, e é precisamente o caso do escritos de Feldenkrais e de Bonnie B. Cohen⁸.

Como hoje a filogênese e a ontogênese permitem compreender melhor esse todo? Se o comum perceptivo entre o homem e o carneiro é bem maior que aquele compartilhado pelo carneiro e a mosca, a capacidade perceptiva não é menos limitada por processos biológicos em diferentes escalas integrativas. De fato, a esfera dos possíveis é limitada por esse legado comum – a bagagem evolutiva –, mas também pelas particularidades do desenvolvimento individual. As variações que surgiram no âmbito da filogênese têm duas propriedades: sua criação é aleatória (as mutações) e sua expressão é dependente do meio ambiente. Além disso, a conservação dessas variações depende de uma expressão selecionada pelo processo de adaptação ou de uma expressão neutra que se mantém por *deriva*, por escolha aleatória⁹. Porém, quando elas decorrem da filogênese, as limitações da experiência são invariáveis para a temporalidade da experiência – ou quase isso. De fato, são essas mesmas restrições que são encontradas na ontogênese de um indivíduo. Acontece que sua expressão é consequência de uma interação com o meio ambiente. Mais precisamente, essa interação ocorre entre a herança genética e o ambiente no qual o indivíduo se encontra e as interações moleculares fortuitas em cada uma de suas células. Nesse nível de estudo, as limitações filogenéticas delimitam uma área do possível para o desempenho das células:

A causa de um comportamento assíncrono das culturas bacterianas é devida à distribuição aleatória dos diferentes tipos de moléculas nas células filhas no momento da divisão celular. Cada célula filha, para produzir as novas populações de moléculas necessárias a uma nova divisão, levará, assim, um tempo diferente; [...] tais processos aleatórios devem explicar grande número de variações entre organismos, incluindo variações no sistema nervoso central (Lewontin, 2003, p. 48).

Transposto ao indivíduo humano, esse exemplo permite compreender que as realizações do sujeito não devem ser pensadas em termos de capacidades inerentes ao sujeito, mas em termos de *potencial*, que se atualiza para cada um em um momento presente. As interações – ou a construção cooperativa entre o gene, o meio e o desempenho molecular – são singulares: elas não podem ser previstas nem apenas por intermédio do meio ambiente, nem somente por intermédio do

genótipo, tampouco por intermédio único do desempenho. Além disso, a noção de potencial permite considerar a escala evolutiva e a transcendência da área dos possíveis a longo prazo – em centenas de gerações. Em 1973, Leigh Van Valen¹⁰ levanta um paradoxo na evolução e propõe, para resolvê-lo, o que se nomeia hoje como *a hipótese da Rainha Vermelha*, fazendo referência à obra de Lewis Carroll, *Alice através do Espelho*. O meio ambiente não para de mudar, de forma que a adaptação ao meio de ontem não oferece nenhuma vantagem para sobreviver ao de amanhã. Assim, tal como a rainha do xadrez, que entendeu que ela deveria continuar correndo para conseguir permanecer, já que o chão tremia sob seus pés, os organismos devem estar em uma corrida sem fim para prosperar em seu habitat. O todo é restituído por intermédio do meio ambiente, e o indivíduo oscila entre o passado (sua história evolutiva) e a projeção (seu devir). A compreensão do desenvolvimento da vida nos permite delinear e definir os contornos da experiência do tempo presente, que nós nomeamos como *presença*. Esse processo de desenvolvimento, essa evolução cooperativa em diferentes escalas de tempo (tempo evolutivo, tempo ontogênico, tempo sociocultural, tempo pessoal) condiciona a experiência vivida, assim limitada pelos atributos da história evolutiva que vagueia na contingência do espaço dos potenciais.

A Noção de Potencial no Método Feldenkrais

Ausente dos discursos teóricos de Moshe Feldenkrais, a noção de potencial parece, no entanto, descrever exatamente a construção da mudança e seus acasos em uma sessão. A estrutura da sessão de Feldenkrais individual (na qual o profissional atua, sobretudo, pelo tato para com seu aluno), bem como da sessão coletiva (na qual ele propõe ao grupo um conjunto de variações guiadas verbalmente), pôde ser analisada como uma intervenção *pelo ambiente*. O profissional do método Feldenkrais não intervém *no corpo* de seu aluno, mas provoca, sim, uma variação dos elementos de seu ambiente: pela organização de limitações espaciais e gravitacionais muito específicas, ele propõe, pelo toque ou indicação verbal, a exploração de variações de apoio no chão, das direções no espaço. A sessão de Feldenkrais, então, apresentar-se-ia como uma modificação temporária do ambiente no intuito de suscitar uma mudança duradoura nas interações do sujeito (do aluno) com esse ambiente e, principalmente, de um elemento invariante fundamental: a força gravitacional.

A noção de potencial permite compreender uma dimensão importante do método Feldenkrais e do conjunto das práticas somáticas, distinguindo radicalmente tais práticas de formas medicinais ocidentais clássicas e as aproximando – em parte – do paradigma ecológico. Primeiro, assim como Feldenkrais insiste em seus escritos, a sessão é baseada na não separação do sujeito e do seu ambiente: para Feldenkrais, o ambiente faz parte integrante do sujeito, o que explica essa construção da prática por constituição de um *ambiente provisório*, favorável à reorganização dos hábitos de interação. Depois, a prática se constrói na consideração da contingência dessa interação. Em uma sessão, as indicações (verbais em uma sessão coletiva e principalmente táteis e direcionais na sessão individual) constroem um tipo de arquitetura de relações movediças com o solo, com o espaço, entre diferentes partes do corpo. Essa arquitetura compõe o esquema da coordenação que é o assunto da sessão (por exemplo, uma rotação da coluna para olhar para trás ou ainda um movimento do braço e da coluna para atingir um objeto imaginário). Assim, ela tem por objetivo, segundo Feldenkrais, restaurar alguma coisa *do ideal ótimo* do gesto, considerando as limitações absolutas da espécie (ocasionalmente ampliadas pelas limitações absolutas do indivíduo, tais quais as malformações estruturais esqueléticas ou neuromotoras). Contudo, o esquema proposto pelas indicações verbais da sessão coletiva não consiste em fazer alguma coisa sobre o corpo do aluno ou ainda em aproximar seu corpo do ideal coordenativo. O profissional de Feldenkrais que opera pelo tato para com seu aluno em uma sessão individual não trabalha *sobre seu corpo* e não tem a pretensão de mudar alguma coisa desse corpo. Ele constrói, por meio de suas intervenções táteis ou verbais, uma série de mudanças provisórias do meio que constituem muitas variações possíveis das relações entre esse meio e o sujeito e que dependem, estritamente, das respostas e interpretações deste último. Assim, os efeitos previsíveis da sessão estão circunscritos em um espectro de probabilidades (o conjunto de tudo o que o aluno poderia sentir nessa sessão, da qual uma parte poderia constituir uma mudança mais ou menos durável do seu uso do movimento), mas só se atualizam de forma singular, dando lugar integralmente para o aleatório do encontro entre o *meio provisório* da sessão, as limitações do sujeito e sua temporalidade própria. “É o poder dessa incerteza que é preciso reconquistar a todo tempo, na medida em que ela anda no território, ao mesmo tempo que ela o

produz; ela inscreve nele margens de manobra, ela suspende o objetivo a um não saber desse devir [...]” (Bottiglieri, 2013, p. 128). Pois, se não pode acontecer *qualquer coisa* (uma sessão de Feldenkrais permanece uma sessão de Feldenkrais), o devir do sujeito, em seu encontro com essa sessão, não pode ser totalmente previsto nem a partir da estrutura do sujeito, nem do ambiente da sessão. Nisso, a prática somática vai ao encontro do modelo da Rainha Vermelha no momento presente¹¹ e, sem dúvida, ela é um espaço de encarnação ou de experimentação *in situ* dessa hipótese.

Esse pensamento do potencial aproxima, assim, a Somática do paradigma ecológico na medida em que implica um outro pensamento temporal e uma outra lógica de causas e efeitos. Contudo, esse primeiro nível de embasamento ecológico não bastaria para incluir a Somática nesse paradigma. Ao contrário, exige o prosseguimento da pesquisa: duas outras noções de Ecologia Científica devem ser pensadas pelos atores da Somática, a fim de imaginar as transformações somáticas necessárias para a integração no paradigma ecológico: a de diversidade e a de reciprocidade.

A Utopia da Diversidade: por uma transformação socioeconômica

O modelo antropocêntrico, que faz do homem um ser superior e único a se beneficiar de considerações morais, entra, de fato, em conflito com os resultados científicos atuais que consideram o meio ambiente não mais como uma tela de fundo, mas como um ator maior da evolução, bem como do desenvolvimento individual (Malabou, 2007) e do bem-estar (Maller et al., 2005). Como vimos acima, esse postulado da supremacia humana no reino animal é contraditório com o reconhecimento de uma herança partilhada com nossos primos não humanos. Essa filiação comum de todos os seres vivos, suas trocas e suas relações convida-nos expressamente a reconsiderar nossos deveres morais perante os não humanos e a convidá-los para nossa vida coletiva. O questionamento do lugar hegemônico do homem impõe não apenas acolher os não humanos em nosso meio, mas também considerar, por sua vez, o homem como um meio, como um ecossistema que acolhe nele uma diversidade de não humanos:

Senhor Linfócito fala: Você é um mero ecossistema estúpido e egoísta. Você está orgulhoso de ser um animal consciente. Mas o que você chama de ‘consciência’ de si mesmo corresponde

exatamente à minha definição de egocentrismo [...]. Imagine como você conceberia o mundo se estivesse no meu lugar. Sua sensação de ser um todo, que você chama de 'consciência' e que domina sua percepção do mundo, tira toda sua lucidez em relação à sociedade de animais microscópicos que vivem em você. Você nos chama de 'células' e você nos considera como seus prisioneiros. Pensa bem [...] Será que a floresta pergunta aos animais e às plantas que lá moram como eles fazem para reconhecer a floresta da não floresta, a fim de defender sua integridade? (Sonigo; Stengers, 2003, p. 82-83).

Parece que o abandono do modelo antropocêntrico tem um duplo efeito sobre os usos da Somática. Por um lado, é preciso, então, questionar-se sobre o fato de levar em conta a própria diversidade humana dentro da Somática. Por outro, repensar a interação indivíduo/meio implica uma nova consideração do indivíduo *como meio*. É preciso, então, que a consciência de si como um todo único, fundamento do campo da Somática, abra-se também como uma *consciência do não si*, um soma que acolhe a vida dentro de si, um soma que nós propomos chamar de *soma-ecossistema*.

Nos discursos e nas práticas somáticas, a representação do humano como um *universal* permite à Somática se isentar da consideração da diversidade no próprio humano. Assim, para Moshe Feldenkrais, apesar da insistência que ele tem em ressaltar o impacto do meio ambiente cultural (e, principalmente, o do ambiente linguístico) no desenvolvimento do sujeito, parece claramente que o universal humano que ele descreve se constrói como ocidental, masculino e – há de se reconhecer – oriundo das classes sociais mais abastadas. Essa universalização de uma classe social e cultural dominante é um fenômeno geral das práticas corporais que se desenvolve dos anos 1950 aos anos 1980¹². Paradoxalmente, enquanto a maioria delas utiliza técnicas extraocidentais (yoga, meditação, artes marciais etc.), elas continuam a olhar essas outras práticas como tradicionais (portanto, supostamente fixas e primitivas). Assim, como isso pôde ser descrito a respeito de numerosas práticas e usos corporais da mesma época (Foster, 2011), o paradigma biológico de Feldenkrais produz efeitos diretamente sociais e ideológicos, naturalizando e universalizando a experiência de um grupo dominante. Além disso, esse paradigma teórico está em evidente conflito com os usos do próprio Moshe Feldenkrais, que desenvolveu uma grande parte de sua prática a partir de seu trabalho com pessoas que vivem com deficiências físicas,

sensoriais, motoras e psicomotoras, trabalhando, assim, em contato direto com a diversidade que seu quadro teórico parecia afastar.

Outro aspecto da abertura para a diversidade precisa ser analisado. A Somática tem participação ativa, há uns vinte anos, no desenvolvimento do mercado da dor e do bem-estar. Esse compromisso com o mercado do bem-estar é, por um lado, devido à marginalização e à exclusão dessas técnicas pela instituição dos saberes educativos e médicos (Bottiglieri; Ginot; Salvatierra, 2013). No entanto, ele parece também ser o resultado direto da ausência de representação de uma diversidade humana e social no conjunto humano descrito pela Somática. Considerar essa diversidade social implica uma posição crítica frente à economia de mercado e, igualmente, para descentrar as práticas somáticas em direção a espaços sociais diferentes daqueles do mercado do bem-estar, a capacidade de repensar radicalmente certos pressupostos pedagógicos tanto quanto esses são construídos a partir de uma hipótese de homogeneidade e de uma universalidade dos destinatários das práticas. O que seria da Somática se estivesse aberta à diversidade humana, mas também ao não humano? O que essa abertura faria à Somática? O que seria da Somática se ela se dirigisse ao conjunto dos soma-ecossistemas do mundo do vivo?

A Utopia da Interação: por uma transformação política

Nossa segunda utopia ecossomática se baseia nas implicações morais da Ecologia Científica desenvolvidas pelas éticas ambientais. Isso acontece porque o potencial da espécie humana lhe permite, principalmente, conscientizar sua relação com o mundo e, assim, elaborar direitos e deveres perante o Outro, o que é importante para pensar a questão das reciprocidades interativas levantada pela Ecologia Científica hoje e no futuro, pois a reciprocidade não implica uma relação simétrica da relação. O que as práticas somáticas fazem com os indivíduos e com o seu meio? Quais são suas responsabilidades e seus desafios?

Em uma versão contratualista das éticas ambientais, diferentes modelos cosmopolíticos foram propostos para ampliar o conjunto dos indivíduos perante os quais nós teríamos obrigações morais (por exemplo, o cosmopolitismo moral e o cosmopolitismo político). Poder-se-ia, de fato, conceber outra forma de elo e de responsabilidade entre indivíduos, que não se baseie nem em uma forma de

especismo¹³, nem nos elos institucionais que os cidadãos têm entre si, porém, como o sugeriu Aldo Leopold¹⁴ (1949), no seu pertencimento às comunidades bióticas. A tomada de consciência, relacionada à Somática, pode ser considerada não apenas como consciência de si, mas também como consciência do *não eu*? E qual seria a consequência de tal descentramento somático? Seria possível uma *ecossomática* que se abrisse aos não humanos para pensar o seu meio ambiente diferentemente? E quais seriam as modalidades? Qual seria o meio em que a sessão de Feldenkrais interviria se ela abandonasse o paradigma inicial da exceção humana? Essa necessidade de uma nova ecocidadania leva a repensar a Somática nesse quadro de uma comunidade biótica que interaja dinamicamente. Trata-se de pensar o exterior e o interior como um *continuum* de interação.

Uma exploração da percepção, segundo o princípio da interação entre indivíduo e seu meio, pressupõe estudar não só como o indivíduo recebe os acontecimentos do seu meio, mas também como a percepção já é uma ação: como considerar a dimensão enativa, segundo o termo de Varela, da percepção e, por consequência, como a Somática é também uma forma de afetar o meio. Em outras palavras, se a sessão de Feldenkrais considera a ação do meio ambiente como agente de transformação do potencial de gesto do sujeito, como é que ela considera, por sua vez, seus efeitos sobre o meio? O pensamento de Feldenkrais, sob esse ponto de vista, parece-nos ter se interrompido no meio do caminho: de fato – seguindo a psicanálise –, Feldenkrais pensa a relação profissional/aluno (principalmente na sessão individual) como uma relação recíproca, na qual o profissional se deixa afetar pela interação tanto quanto o aluno, escutando suas respostas, variações de tensão e singularidades do seu gesto, a fim de alimentar o diálogo (Ginsburg, 1996). Mas essa reciprocidade conhece limites rigorosos: ela se organiza em torno da supremacia do profissional e a partir de uma ideia muito hierarquizada do controle, sendo toda a prática Feldenkrais organizada pelo seguinte ditado: *saber o que eu faço para poder fazer o que eu quero*. Quais mudanças se imporiam à Somática para considerar a questão da relação sujeito-meio para além da troca entre profissional e aluno? Qual é o impacto dessa questão no pensamento somático? Essas são as questões suscitadas pelo diálogo entre a Somática e a Ecologia, e que precisam ser apreendidas se os atores da Somática querem verdadeiramente reivindicar uma ecofunção para suas práticas.

Notas

- ¹ No original em francês: “[...] d’érudition perceptive” (Ginot, 2013, p. 22).
- ² Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), filósofo francês cuja obra é tradicionalmente ligada à fenomenologia, produziu trabalhos que são referências na área da percepção e da definição do mundo do sentir.
- ³ No original em inglês: “Plants in general are not animate; they do not move about, they do not behave, they lack nervous system, and they do not have sensations. In these respects they are like the objects of physics, chemistry, and geology” (Gibson, 1986, p. 7).
- ⁴ No original em francês: “Au fond de l’image il y a l’imagination et au fond de l’imagination il y l’autre, la vue de l’autre, c’est à dire la vue sur l’autre et l’autre en tant que vue – qui s’ouvre aussi, par conséquent, en tant qu’autre de la vue, non-vue prévoyante. L’autre me fait vis-à-vis et ainsi se montre en tant qu’autre. L’image est tout d’abord autre et de l’autre, altérée et altérante. Elle donne l’autre selon lequel le même peut être montré” (Nancy, 2003, p. 176).
- ⁵ N.T.: Beauceron, Berger de Beauce, Berger français e Bas-Rouge são as denominações de uma raça de cachorro de pasto, de origem francesa, cuja característica é ter o peitoral arruivado.
- ⁶ As três grandes correntes atuais das éticas ambientais se afastam todas de um antropocentrismo primário. Não concordamos com a ideia de um antropocentrismo ampliado; portanto, propomos trabalhar aqui indistintamente sobre as éticas ambientais individualistas (biocêntricas) ou comunitária e holista (ecocentrismo) (Larrère, 2002).
- ⁷ Para uma análise das referências científicas nos escritos de Moshe Feldenkrais, ver Clavel (2015).
- ⁸ Bonnie Bainbridge Cohen é a fundadora do *Body-Mind Centering*[®], uma prática somática que concede um amplo espaço para a noção de *anatomia experimental*. Ela ensina ainda hoje nos Estados Unidos e em muitos outros países.
- ⁹ Mais especificamente, não se trata aqui de pensar um repertório de variações presentes no âmbito das espécies. Certos traços, como a cor dos olhos, são, de fato, variáveis, porém, os olhos humanos nunca serão verde fosforescente ou rosa choque – a esfera dos possíveis não contempla essas diferentes expressões. Ao contrário, o esquema organizacional de todos os tetrápodes é ter quatro membros, e, considerando que o meio ambiente é sempre motor da mudança, esse traço não varia, exceto por condições ambientais excepcionais, como as que aparecem ao redor das centrais de Chernobyl ou de Fukushima. De fato, durante o período de desenvolvimento embrionário, o organismo interage com seu ambiente, e um dos efeitos da radioatividade é a degradação dos mecanismos de replicação e do DNA, provocando, assim, altas taxas de mutações.
- ¹⁰ Leigh Van Valen (1935-2010), biólogo americano (Universidade de Chicago) que estuda as teorias evolutivas e autor da *Hipótese da Rainha Vermelha*.
- ¹¹ Por mais que tenhamos consciência das diferenças de escalas de tempo, o modelo da *Rainha Vermelha* nos parece pertinente para pensar a interação que permanece movente e cambiante no momento presente.
- ¹² Um dos raros autores que considera essa questão é D. H. Johnson, que relata as dificuldades encontradas no tratamento de dois pacientes de diferentes culturas (Johnson, 1994).

¹³ N.T.: teoria que defende a superioridade de uma espécie, notadamente a espécie humana, sobre outra ou outras.

¹⁴ São principalmente os comentários de *L'Almanach d'un Comté des Sables*, de Aldo Leopoldo, que estão na base de todas as correntes das éticas ambientais.

Referências

- BOTTIGLIERI, Carla. Soigner l'Imaginaire du Geste: pratiques somatiques du toucher et du mouvement. **Chimères** – soigne qui peut (la vie), Toulouse, Erès, n. 78, p. 113-128, fev. 2013.
- BOTTIGLIERI, Carla. Médialités: quelques hypothèses sur les milieux de Feldenkrais. In: GINOT, Isabelle (Org.). **Penser les Somatiques avec Feldenkrais**: politiques et esthétiques d'une pratique corporelle. Laveyrune: L'Entretemps, 2015. No prelo.
- BOTTIGLIERI, Carla; GINOT, Isabelle; SALVATIERRA, Violeta. Du Bien-être comme Devenir Subjectif: techniques du corps et techniques de soi. In: FLORIN, Agnès; PREAU, Marie (Org.). **Le Bien-être**. Paris: L'Harmattan, 2013. P. 243-254. (Collection Logiques Sociales.)
- CARROLL, Lewis. **Alice au Pays des Merveilles**. Tradução: Henri Bué. Londres: Macmillan, 1869.
- CLAVEL, Joanne. Les Sciences dans les Ecrits de Feldenkrais. In: GINOT, Isabelle (Org.). **Penser les Somatiques avec Feldenkrais**: politiques et esthétiques d'une pratique corporelle. Laveyrune: L'Entretemps, 2015. No prelo.
- DARWIN, Charles. **L'Origine des Espèces**. Tradução: Edmond Barbier. Paris: La Découverte, 1985 [1859].
- FOSTER, Susan. **Choreographing Empathy**: kinesthesia in performance. New York: Routledge, 2011.
- GIBSON, James. **The Ecological Approach to Visual Perception**. New York: Taylor & Francis Psychological Press, 1986 [1979].
- GINOT, Isabelle. Douceurs Somatiques. **Repères, Cahiers de Danse**, Val-de-Marne, La Briqueterie, n. 32, p. 21-25, fev. 2013.
- GINSBURG, Carl. Is there a Science to the Feldenkrais Magic? **Feldenkrais Research Journal**, Paris, International Feldenkrais Federation (IFF), Rapport, s.v., p. 7-12, 1996.
- HANNA, Thomas. What is Somatics? In: JOHNSON, Don Hanlon (Org.). **Bones, Breath and Gesture**. Berkeley: North Atlantic Books, 1995. P. 139-152.
- JOHNSON, Don Hanlon. **Body, Spirit and Democracy**. Berkeley: North Atlantic Books & Somatic Resources, 1994.
- LARRÈRE, Catherine. Avons-nous Besoin d'une Ethique Environnementale. In: COLLIN, Jean-François (Org.). **Cosmopolitiques 1**: la nature n'est plus ce qu'elle était. Paris: L'Aube, 2002. P. 69-85.
- LEOPOLD, Aldo. **Sand Country Almanach**. Oxford: Oxford University Press, 1949.



LEWONTIN, Richard. *La Triple Hélice: les gènes, l'organisme, l'environnement*. Tradução: Nicolas Witkowski. Título original: *Gene, Organismo e Ambiente*. Paris: Seuil, 2003 [1998].

MALABOU, Catherine. **Les Nouveaux Blessés**: de Freud à la neurologie, penser les traumatismes contemporains. Paris: Bayard, 2007.

MALLER, Cecily et al. Healthy Nature Healthy People: 'contact with nature' as an upstream health promotion intervention for populations. **Health Promotion International**, v. 21, n. 1, p. 45-54, 2005.

NANCY, Jean-Luc. **Au Fond des Images**. Paris: Galilée, 2003.

SOMATIC Approaches to Movement – interviews with founders, teachers and choreographers. Mise en scène: Lila Greene. Entretien: Sylvie Fortin. France: La Recherche en Mouvement, s.d. 1 DVD, (127 min.). Disponível em: <<http://www.rechercheenmouvement.org>>.

SONIGO, Pierre; STENGERS, Isabelle. **L'Évolution**. Courtabœuf: EDP Sciences, 2003.

Isabelle Ginot é doutora em Artes do Espetáculo, professora no Departamento de Dança da *Université Paris 8 Vincennes Saint-Denis* e responsável pelo Grupo *Techniques du Corps et Monde du Soin*. Cofundadora da *Association d'Individus en Mouvements Engagés* (AIME), ela desenvolve, junto à associação, um conjunto de práticas corporais oriundas da dança e das práticas somáticas para pessoas em situação de precariedade social ou de saúde. Ela é profissional certificada do método Feldenkrais. A maioria de suas publicações são acessíveis pelo site www.danse.univ-paris8.fr.
E-mail: isabelle.ginot@univ-paris8.fr

Joanne Clavel é doutora em Ecologia e Evolução pela *Université Paris 6*. Pesquisadora associada ao Departamento de Dança da *Université Paris 8*, pesquisa sobre os elos entre práticas corporais e Ecologia e seus estudos se orientam em perspectivas étnicas, estéticas e políticas. Ela fundou o coletivo de artistas *Natural Movement* a fim de realizar projetos artísticos de mediação sobre a biodiversidade e, assim, desenvolver uma ecocultura para o futuro. Ela faz suas pesquisas no *Museum National d'Histoire Naturelle de Paris*.
E-mail: joanne.clavel@gmail.com

Este texto inédito, traduzido por Thayrine Muzy Pezê e Dominique M. P. G. Boxus (LABESTRAD – Laboratório de Estudos de Tradução – UFF/ Universidade Federal Fluminense), também se encontra publicado em francês neste número do periódico.

*Recebido em 17 de julho de 2014
Aceito em 28 de agosto de 2014*